

# "NOVAS" E TRADICIONAIS ATIVIDADES AGRÍCOLAS: algumas características do trabalho na olericultura e na cana-de-açúcar

Otavio Valentim Balsadi<sup>1</sup>

## 1 - INTRODUÇÃO <sup>1</sup>

Alguns trabalhos recentes<sup>2</sup> têm apontado o crescimento de várias "novas" atividades<sup>3</sup> agrícolas e não agrícolas, altamente intensivas e de pequena e média escala, no meio rural brasileiro e paulista, em particular, nos anos 90, como piscicultura, pesque-pague, criação de aves nobres e exóticas, criação de pequenos animais (rã, *escargot*, minhoca, etc.), produção orgânica de ervas medicinais e outros produtos, produção de verduras e legumes, floricultura, reprodução de plantas extrativas (pupunha), fruticultura regional, turismo rural, hotel-fazenda e fazenda-hotel, complexos hípicos e parques temáticos. No entanto, são raros os estudos mostrando as características do trabalho nestas atividades<sup>4</sup>, assim como a

quantificação dos empregos gerados nas mesmas. Este texto é, justamente, uma tentativa de contribuir com este debate.

A escassez de estudos reside no fato de exigirem a realização de pesquisas de campo, uma vez que, infelizmente, a Pesquisa Nacional por Amostras de Domicílio (PNAD), uma das principais fontes de dados para a análise do emprego no meio rural, mostra-se inadequada para este propósito, seja porque não contempla a grande maioria destas "novas" atividades, seja porque, quando contempla, o número de casos é, em geral, pequeno para permitir qualquer inferência segura.

Neste texto, o objetivo é comparar algumas das principais características do trabalho na produção de verduras e legumes - atividade classificada como "nova", com grande crescimento nos anos 90<sup>5</sup> e possibilidade de ter seus

---

<sup>1</sup>Engenheiro Agrônomo, Analista da Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados (SEADE). O autor agradece os comentários e as sugestões das pesquisadoras Maria de Lourdes Barros Camargo e Yara M. Chagas de Carvalho, do Instituto de Economia Agrícola.

<sup>2</sup>Ver, por exemplo, os textos de GRAZIANO DA SILVA; BALSADI; DEL GROSSI (1997); GRAZIANO DA SILVA et al. (1996) e GRAZIANO DA SILVA (1996).

<sup>3</sup>"Novas" entre aspas porque muitas destas atividades são na verdade muito antigas, mas não tinham até recentemente importância como atividades econômicas. Eram atividades "de fundo de quintal" ou *hobbies* pessoais que foram transformados em importantes alternativas de emprego e renda no meio rural nos anos mais recentes. Um aspecto importante a ser destacado é que estas atividades, antes pouco valorizadas e dispersas, passaram a integrar verdadeiras cadeias produtivas, envolvendo na maioria dos casos não apenas transformações agroindustriais, mas serviços pessoais e produtivos relativamente complexos e sofisticados.

<sup>4</sup>Diga-se, de passagem, que também são poucos os estudos para as tradicionais atividades agropecuárias. Um raro exemplo é o trabalho de BAPTISTELLA et al. (1996), mostrando as principais características dos colhedores de citros no Estado de São Paulo.

---

<sup>5</sup>No Estado de São Paulo, apesar de terem participação de apenas 1,0% na área total cultivada com as 46 principais culturas, as olerícolas têm respondido por cerca de 9,0% do total da demanda da força de trabalho agrícola. No período 1990-97, a área cultivada com verduras e legumes cresceu 74,6%, chegando a mais de 100 mil hectares, se incluídas a batata e a cebola e a demanda de mão-de-obra aumentou 71,7%. Esta produção está concentrada no "cinturão verde", e seu expressivo crescimento é resposta à grande expansão e diferenciação do mercado consumidor, puxado, em grande medida, pelas redes de *fast-food* e de alguns grandes supermercados que, embora possam se auto-abastecer através de produção integrada, geralmente estabelecem parcerias com os agricultores. Esta relação acaba por determinar transformações na forma de produzir e comercializar esses produtos: há maior diversificação da produção de olerícolas; também ocorrem mudanças nos sistemas de produção, com a introdução da hidroponia e do cultivo orgânico, por exemplo; e outra importante mudança diz respeito ao processamento das olerícolas e sua comercialização na forma de saladas ou produtos individuais prontos para o consumo, cujos preços chegam a ser 30% maiores que o produto *in natura*, constituindo-se num meio de agregação de valor para os agricultores (BALSADI, 1998).

dados individualizados na PNAD em número suficiente de casos - com o trabalho na cana-de-açúcar, atividade mais tradicional e de grande importância econômica nos cenários paulista e nacional<sup>6</sup>. Espera-se mostrar que a olericultura, quando praticada com técnicas modernas e com boa inserção no mercado, tem grande potencial para se constituir em importante alternativa de trabalho no meio rural.

## 2 - METODOLOGIA

A fonte dos dados primários utilizados neste texto é a PNAD, realizada pelo IBGE em 1995 (FUNDAÇÃO, 1996). Para as atividades selecionadas - cana-de-açúcar e olericultura - todos os dados referem-se ao trabalho único ou principal que as pessoas de 10 anos ou mais tinham na semana de referência da pesquisa, que foi definida como sendo de 24 a 30 de setembro de 1995.

Os números de casos presentes nas amostras, por região e atividade, são os seguintes: a) São Paulo: 252 casos para a cana-de-açúcar e 233 para verduras e legumes, perfazendo um total de 485 casos; b) Região Sudeste (menos São Paulo): 196 casos para a cana-de-açúcar e 551 para verduras e legumes, totalizando 747 casos, dos quais 552 casos são para Minas Gerais, 48 para o Espírito Santo e 147 para o Rio de Janeiro; c) Brasil: 1.251 casos para a cana-de-açúcar e 2.712 para verduras e legumes, perfazendo um total de 3.963 casos. Como a PNAD é uma pesquisa amostral, para se obter o número total de pessoas ocupadas nas duas atividades foi feita a expansão destas amostras, a qual consiste na multiplicação de cada caso (pessoa entrevistada) pelo respectivo peso desta pessoa na população.

É importante salientar que estas amostras não englobam, necessariamente, todas as pessoas ocupadas nestas atividades, pois a

PNAD mantém, em sua classificação, um grupo de resíduo (outras atividades) e um outro com a denominação de culturas diversas, os quais também podem conter pessoas ocupadas nas atividades selecionadas. Nestas amostras aparecem apenas as pessoas ocupadas que na entrevista responderam claramente em qual atividade encaixava-se o seu trabalho principal na semana de referência da pesquisa. Portanto, de acordo com os dados obtidos pela expansão destas amostras da PNAD, não é possível avaliar, exatamente, o número de pessoas ocupadas nestas atividades, nem tampouco seu crescimento ou decréscimo quando comparado a outros anos em que a pesquisa foi realizada.

Os dados serão utilizados (e as observações devem ser vistas com certa cautela) para a descrição de algumas características tanto das pessoas ocupadas quanto do próprio trabalho nas duas atividades no Estado de São Paulo, na Região Sudeste e no Brasil. As variáveis selecionadas para análise foram as seguintes: sexo, idade, escolaridade, número de trabalhos na semana, posição na ocupação<sup>7</sup>, carteira assinada, contribuição para a Previdência, remuneração e horas trabalhadas por semana.

## 3 - ANÁLISE DOS DADOS: SÃO PAULO, REGIÃO SUDESTE E BRASIL

A análise dos dados ocorrerá em duas etapas. Primeiramente, será feita uma descrição geral das variáveis selecionadas para as duas atividades, mostrando a grande geração de empregos diretos nas mesmas, embora muitas pessoas ocupadas possuíssem uma inserção precária

<sup>6</sup>Em 1997, a cana-de-açúcar participou com 34,3% do valor bruto da produção agropecuária paulista, segundo dados do Instituto de Economia Agrícola citados por OLIVEIRA (1998). Além do mais, a cana-de-açúcar é a principal empregadora de mão-de-obra no Estado de São Paulo, sendo responsável por mais de 40,0% do total da força de trabalho demandado pelas 46 culturas (FUNDAÇÃO, 1997). É, também, uma das principais empregadoras na Região Sudeste e no Brasil, onde a área cultivada chega a quase cinco milhões de hectares.

<sup>7</sup>A partir de 1992, a PNAD passou a considerar as seguintes posições na ocupação: empregado (permanente e temporário), trabalhador doméstico, conta-própria, empregador, trabalhador não remunerado membro da unidade domiciliar, outro trabalhador não remunerado, trabalhador na produção para o próprio consumo e trabalhador na construção para o próprio uso. Neste texto não aparecerão as categorias de trabalhador doméstico e trabalhador na construção para o próprio uso. Além de aumentar as posições na ocupação, a PNAD também ampliou o conceito de trabalho a partir da pesquisa de 1992, passando a considerar, por exemplo, atividades desenvolvidas por pelo menos uma hora na semana. Isso teve um reflexo direto no número de pessoas consideradas ocupadas. Detalhamento destas mudanças, bem como do conceito de trabalho e das definições das posições na ocupação, podem ser obtidos no Manual de Entrevista da Pesquisa Básica PNAD de 1995 que foi publicado pelo IBGE (FUNDAÇÃO, 1995).

ria no trabalho (Tabela 1). Numa segunda etapa, trabalho nestas atividades no Estado de São a partir da constatação de melhores condições de Paulo, será dada maior ênfase na comparação TABELA 1 - Características das Pessoas Ocupadas e do Trabalho na Produção de Cana-de-açúcar e na Produção de Verduras e Legumes, Estado de São Paulo, Região Sudeste e Brasil, 1995 (continua)

Característica	São Paulo				Região Sudeste (menos São Paulo)			
	Cana-de-açúcar		Verduras e legumes		Cana-de-açúcar		Verduras e legumes	
	Número	%	Número	%	Número	%	Número	%
Sexo								
Masculino	169.217	84,1	112.976	59,8	78.364	85,2	125.807	48,3
Feminino	31.922	15,9	75.971	40,2	13.617	14,8	134.428	51,7
Idade								
10 a 14 anos	3.991	2,0	6.525	3,5	4.074	4,4	18.340	7,0
15 a 19 anos	38.309	19,0	32.513	17,2	17.957	19,5	27.792	10,7
20 a 29 anos	59.854	29,8	37.495	19,8	23.698	25,8	48.521	18,6
30 a 39 anos	42.296	21,0	26.814	14,2	17.164	18,7	47.123	18,1
40 a 49 anos	29.527	14,7	29.893	15,8	12.830	13,9	31.469	12,1
50 a 59 anos	17.586	8,7	24.304	12,9	10.866	11,8	38.085	14,6
60 anos e mais	9.576	4,8	31.403	16,6	5.392	5,9	48.905	18,8
Dado não disponível	-	-	-	-	-	-	-	-
Curso mais elevado								
Pré-escolar	-	-	-	-	-	-	-	-
Elementar (primário)	57.484	28,8	63.774	33,8	23.015	25,0	90.698	34,9
Médio primeiro ciclo	5.590	2,8	8.065	4,3	528	0,6	6.257	2,4
Médio segundo ciclo	798	0,4	2.450	1,3	-	-	2.325	0,9
Primeiro grau	92.615	46,4	63.513	33,6	45.125	49,1	90.828	34,9
Segundo grau	798	0,4	6.524	3,5	377	0,4	4.246	1,6
Superior	-	-	4.102	2,2	-	-	2.605	1,0
Alfabetização de adultos	799	0,4	1.624	0,9	905	1,0	2.887	1,1
Dado não disponível	41.513	20,8	38.895	20,6	22.031	24,0	60.393	23,2
Trabalhos na semana								
Um	198.744	98,8	186.497	98,7	90.924	98,9	257.592	99,0
Dois	2.395	1,2	2.450	1,3	1.057	1,1	2.643	1,0
Três ou mais	-	-	-	-	-	-	-	-
Posição na ocupação								
Conta-própria	2.394	1,2	24.336	12,9	9.168	10,0	39.990	15,4
Empregado permanente	120.506	59,9	53.737	28,4	29.766	32,4	26.654	10,2
Empregador	4.816	2,4	7.267	3,8	1.812	2,0	6.139	2,4
Não remunerado	3.192	1,6	32.020	16,9	11.054	12,0	28.836	11,1
Trab. próprio consumo	-	-	63.578	33,6	1.057	1,1	140.312	53,9
Temporário	70.231	34,9	8.009	4,2	39.124	42,5	18.304	7,0
Carteira assinada								
Sim	165.995	82,5	9.661	5,1	32.107	34,9	6.916	2,7
Não	24.742	12,3	52.085	27,6	36.783	40,0	38.042	14,6
Dado não disponível	10.402	5,2	127.201	67,3	23.091	25,1	215.277	82,7
Remuneração em salário mínimo								
Até 1/2 salário	2.394	1,2	6.552	3,5	3.698	4,0	15.663	6,0
De 1/2 até 1	19.952	9,9	12.911	6,8	32.212	35,0	25.346	9,7
De 1 até 2	67.037	33,3	37.327	19,8	25.546	27,8	25.171	9,7
De 2 até 3	61.450	30,6	15.473	8,2	9.737	10,6	6.321	2,4
De 3 até 5	26.337	13,1	11.369	6,0	1.659	1,8	5.417	2,1
De 5 até 10	11.970	6,0	2.395	1,3	906	1,0	3.700	1,4
Mais de 10	7.211	3,6	4.046	2,2	1.394	1,5	5.280	2,0
Dado não disponível <sup>1</sup>	4.788	2,4	98.874	52,3	16.829	18,3	173.337	66,6
Horas trab. por semana								
Até 15 horas	1.624	0,8	53.890	28,5	528	0,6	120.360	46,3
De 16 até 39	3.990	2,0	30.970	16,4	11.052	12,0	53.415	20,5
De 40 a 49	126.892	63,1	41.977	22,2	46.741	50,8	56.232	21,6
50 horas e mais	68.633	34,1	62.110	32,9	33.660	36,6	30.228	11,6
Contrib. para a previdência								
Sim	171.609	85,3	17.727	9,4	32.636	35,5	14.961	5,7
Não	29.530	14,7	171.220	90,6	59.345	64,5	245.274	94,3

<sup>1</sup>Inclui os não remunerados e os trabalhadores para o próprio consumo.

Fonte: Elaborada pelo autor, a partir de dados primários da PNAD.

TABELA 1 - Características das Pessoas Ocupadas e do Trabalho na Produção de Cana-de-açúcar e na Produção de Verduras e Legumes, Estado de São Paulo, Região Sudeste e Brasil, 1995  
(conclusão)

Característica	Brasil			
	Cana-de-açúcar		Verduras e legumes	
	Número	%	Número	%
Sexo				
Masculino	606.299	86,2	711.902	52,4
Feminino	97.272	13,8	646.821	47,6
Idade				
10 a 14 anos	27.935	4,0	122.405	9,0
15 a 19 anos	133.890	19,0	151.382	11,1
20 a 29 anos	202.042	28,7	237.432	17,5
30 a 39 anos	137.809	19,6	219.751	16,2
40 a 49 anos	97.926	13,9	183.650	13,5
50 a 59 anos	65.674	9,3	193.813	14,3
60 anos e mais	38.295	5,4	250.050	18,4
Dado não disponível	-	-	240	0,0
Curso mais elevado				
Pré-escolar	1.520	0,2	1.530	0,1
Elementar (primário)	133.896	19,0	456.153	33,6
Médio primeiro ciclo	4.064	0,6	32.474	2,4
Médio segundo ciclo	572	0,1	9.237	0,7
Primeiro grau	268.845	38,2	392.563	28,9
Segundo grau	10.592	1,5	29.180	2,1
Superior	5.401	0,8	9.907	0,7
Alfabetização de adultos	15.592	2,2	24.218	1,8
Dado não disponível	263.089	37,4	403.461	29,7
Trabalhos na semana				
Um	689.130	97,9	1.327.808	97,7
Dois	12.139	1,7	29.847	2,2
Três ou mais	2.302	0,3	1.068	0,1
Posição na ocupação				
Conta-própria	29.134	4,1	254.132	18,7
Empregado permanente	385.036	54,7	130.529	9,6
Empregador	10.280	1,5	27.941	2,1
Não remunerado	35.893	5,1	252.097	18,6
Trab. próprio consumo	3.106	0,4	594.091	43,7
Temporário	240.122	34,1	99.933	7,4
Carteira assinada				
Sim	396.047	56,3	21.583	1,6
Não	229.111	32,6	208.879	15,4
Dado não disponível	78.413	11,1	1.128.261	83,0
Remuneração em salário mínimo				
Até 1/2 salário	29.286	4,2	87.254	6,4
De 1/2 até 1	217.965	31,0	152.910	11,3
De 1 até 2	253.134	36,0	141.819	10,4
De 2 até 3	87.896	12,5	38.616	2,8
De 3 até 5	38.620	5,5	30.034	2,2
De 5 até 10	16.656	2,4	16.279	1,2
Mais de 10	10.534	1,5	10.863	0,8
Dado não disponível <sup>1</sup>	49.480	7,0	880.948	64,8
Horas trab. por semana				
Até 15 horas	8.335	1,2	489.637	36,0
De 16 até 39	52.171	7,4	349.310	25,7
De 40 a 49	423.561	60,2	309.852	22,8
50 horas e mais	219.504	31,2	209.924	15,5
Contrib. para a previdência				
Sim	395.497	56,2	50.248	3,7
Não	308.074	43,8	1.308.475	96,3

<sup>1</sup>Inclui os não remunerados e os trabalhadores para o próprio consumo.

Fonte: Elaborada pelo autor, a partir de dados primários da PNAD.

da olericultura paulista, atividade mais moderna e comercial do que nas demais regiões brasileiras, com a cana-de-açúcar, com o intuito de ressaltar suas potencialidades como “nova” atividade e boa alternativa de emprego e renda para os agricultores e trabalhadores rurais.

### 3.1 - Sexo

Para a cana-de-açúcar, nas três regiões analisadas, ao redor de 85% das pessoas ocupadas em 1995 eram do sexo masculino, e 15% do feminino. Na produção de verduras e legumes, havia um predomínio dos homens no Estado de São Paulo (59,8%) e no Brasil (52,4%), ao passo que no Sudeste (menos São Paulo), as mulheres estavam em maior número (51,7%). É possível perceber, portanto, que na produção de verduras a participação das mulheres no trabalho era bem mais significativa do que a observada na cana-de-açúcar.

### 3.2 - Idade

Na produção da cana-de-açúcar, segundo os dados da PNAD, era pequena a participação de pessoas com idade entre 10 e 14 anos e com mais de 50 anos, sendo que os maiores valores foram observados no Sudeste (menos São Paulo). Nas três regiões, a faixa etária com maior participação foi a de 20 a 29 anos, seguida pelas faixas de 15 a 19 e 30 a 39 anos. Estas três faixas concentraram entre 65% e 70% do total das pessoas ocupadas em 1995.

Para a produção de verduras e legumes, os dados mostram que era significativa a participação das pessoas com 50 anos e mais (aproximadamente 30% em todas as regiões analisadas). Embora maior que a observada para a cana-de-açúcar, também era relativamente pequena a participação de pessoas com idade entre 10 e 14 anos na atividade de olericultura<sup>8</sup>. Mas,

<sup>8</sup>Apesar de serem relativamente pequenas as participações das pessoas com idade entre 10 e 14 anos nas duas atividades analisadas, é importante salientar que a erradicação do trabalho infantil na agricultura deve ser uma preocupação constante da sociedade e do governo. Como este texto não capta o trabalho das crianças de 5 a 9 anos de idade, é possível que esteja ocorrendo uma subestimação do trabalho infantil nestas atividades.

ao contrário do que foi dito para a cana-de-açúcar, não havia predomínio claro de uma faixa etária, pois todas, com exceção da de 10 a 14 anos, tinham participação expressiva.

### 3.3 - Escolaridade

Primeiramente, é preciso chamar a atenção para o fato de que mais de 20% dos dados para este item não estão disponíveis, o que prejudica muito a análise, principalmente a que se refere às pessoas sem alfabetização.

Para ambas as atividades selecionadas, era muito baixa a participação das pessoas com escolaridade igual ou superior ao segundo grau. No entanto, chega até a impressionar a significativa participação das pessoas com primeiro grau completo, a qual variou de 28,9% (produção de verduras e legumes no Brasil) a 49,1% (produção de cana-de-açúcar no Sudeste), constituindo-se, praticamente, no nível de escolaridade com maior participação relativa.

### 3.4 - Trabalhos na Semana

Tanto para a cana-de-açúcar quanto para a produção de verduras e legumes, os dados da PNAD mostram um predomínio quase que absoluto das pessoas que possuíam apenas um trabalho na semana de referência da pesquisa (mais de 97% do total).

### 3.5 - Posição na Ocupação

Para a cana-de-açúcar, os empregados permanentes e os temporários (volantes) responderam por 95% do total das pessoas ocupadas no Estado de São Paulo em 1995, 75% do total no Sudeste (menos São Paulo) e quase 90% no Brasil. Nas três regiões era insignificante a participação dos trabalhadores para o próprio consumo - categoria introduzida na PNAD a partir de 1992. Já as categorias de conta-própria e não remunerados tinham participação expressiva apenas no Sudeste (menos São Paulo), de 10% e 12%, respectivamente.

Na produção de verduras e legumes, o quadro era praticamente o inverso. A categoria com maior participação no total das pessoas ocu-

padas foi justamente a dos trabalhadores para o próprio consumo: 33,6% no Estado de São Paulo, 53,9% no Sudeste (menos São Paulo) e 43,7% no Brasil. Em todas as regiões também foi importante a participação das categorias de conta-própria e não remunerados.

As menores participações foram dos empregadores e dos trabalhadores volantes. A participação dos trabalhadores permanentes era bem mais representativa no Estado de São Paulo (28,4%), provavelmente pelo grande desenvolvimento e modernização da atividade de olericultura no "cinturão verde" paulista, organizada para fins claramente comerciais.

### 3.6 - Carteira Assinada e Contribuição para a Previdência

A análise destes dois itens é feita conjuntamente porque há um elevado índice de dados não disponíveis para carteira assinada, principalmente para a produção de verduras e legumes. E os dados de contribuição para a Previdência ajudam a cobrir tal lacuna, auxiliando na compreensão deste ponto da análise.

Para a cana-de-açúcar era bem significativa a participação das pessoas com carteira assinada no total dos ocupados em 1995, chegando a 82,5% no Estado de São Paulo, 34,9% no Sudeste (menos São Paulo) e 56,3% no Brasil. Destaque-se que esses valores são muito próximos aos das pessoas que contribuíram para a Previdência e que no Estado de São Paulo, devido ao alto grau de formalização do trabalho, era bem mais baixo o percentual de pessoas ocupadas que receberam menos do que o salário mínimo vigente (ao redor de 10,0% do total).

Na produção de verduras e legumes, mais de 90% das pessoas ocupadas não contribuíram para a Previdência em 1995, o que é um indicador de que menos de 10% dos ocupados nesta atividade tinham registro em carteira.

### 3.7 - Remuneração

Neste item também há um alto índice de dados não disponíveis para a produção de verduras e legumes (mais de 50%), os quais englobam os não remunerados e os trabalhadores

para o próprio consumo, categorias muito importantes nesta atividade.

O Estado de São Paulo apresentou um perfil melhor de remuneração das pessoas ocupadas na produção de cana-de-açúcar em 1995: 33,3% receberam entre 1 e 2 salários mínimos, 30,6% entre 2 e 3 salários mínimos e 13,1% entre 3 e 5 salários mínimos. No Sudeste (menos São Paulo), a maior participação foi das pessoas que receberam de meio a 1 salário mínimo (35%), seguida dos que receberam de 1 a 2 salários mínimos (27,8%). No Brasil, 67% do total dos ocupados receberam entre meio e 2 salários mínimos, sendo que a maior participação foi da faixa de 1 a 2 salários mínimos (36%).

Com relação ao rendimento das pessoas ocupadas, segundo a posição na ocupação, salienta-se que, no Estado de São Paulo, as categorias de conta-própria e empregadores apresentaram somente rendimentos acima de 5 salários mínimos. No Sudeste (menos São Paulo) e no Brasil, a situação já não foi tão favorável, pois a categoria de conta-própria teve rendimentos que variaram de meio até mais de 10 salários mínimos, enquanto para os empregadores a variação foi de 1 a 2 salários mínimos até mais de 10 (Tabela 2).

Também para as categorias de trabalhadores permanentes e temporários, a situação foi melhor no Estado de São Paulo em 1995. Aproximadamente 65% dos permanentes receberam entre 1 e 3 salários mínimos, 17% receberam de 3 a 5 salários mínimos e 10% receberam mais de 5 salários mínimos. Quanto aos temporários, 73% deles receberam de 1 a 3 salários mínimos. No Sudeste (menos São Paulo) e no Brasil, as faixas de rendimento com maiores participações para estas duas categorias foram as de meio a 1 e 1 a 2 salários mínimos.

Na produção de verduras e legumes, como salientado anteriormente, a maior participação foi dos não remunerados e trabalhadores para o próprio consumo, isto é, das pessoas que não possuíam rendimento monetário, o que traz dificuldades para a análise comparativa das duas atividades.

Para as pessoas remuneradas na olericultura, as faixas de remuneração com as maiores participações no Estado de São Paulo foram as de 1 a 2 salários mínimos e de 2 a 3. No Sudeste e no Brasil, foram as faixas de meio até 1 e de 1 até 2 salários mínimos (Tabela 1).

TABELA 2 - Faixas de Rendimento, Segundo a Posição na Ocupação, Produção de Cana-de-açúcar, Estado de São Paulo, Sudeste e Brasil, 1995

(em salário mínimo)								
Posição na ocupação	São Paulo							
	Até 1/2		1/2 a 1		1 a 2		2 a 3	
	Número	%	Número	%	Número	%	Número	%
Conta-própria	-	-	-	-	-	-	-	-
Empregado permanente	-	-	9.577	48,0	38.305	57,1	39.105	63,6
Empregador	-	-	-	-	-	-	-	-
Temporário	2.394	100,0	10.375	52,0	28.732	42,9	22.345	36,4
Total	2.394	100,0	19.952	100,0	67.037	100,0	61.450	100,0
Posição na ocupação	São Paulo							
	3 a 5		5 a 10		10 ou mais			
	Número	%	Número	%	Número	%	Número	%
Conta-própria	-	-	1.596	13,3	798	11,1	-	-
Empregado permanente	20.750	78,8	8.778	73,3	3.193	44,3	-	-
Empregador	-	-	1.596	13,3	3.220	44,7	-	-
Temporário	5.587	21,2	-	-	-	-	-	-
Total	26.337	100,0	11.970	100,0	7.211	100,0	-	-
Posição na ocupação	Sudeste (menos SP)							
	Até 1/2		1/2 a 1		1 a 2		2 a 3	
	Número	%	Número	%	Número	%	Número	%
Conta-própria	528	14,3	2.113	6,6	2.492	9,8	2.112	21,7
Empregado permanente	-	-	13.238	41,1	11.809	46,2	4.230	43,4
Empregador	-	-	-	-	529	2,1	529	5,4
Temporário	3.170	85,7	16.861	52,3	10.716	41,9	2.866	29,4
Total	3.698	100,0	32.212	100,0	25.546	100,0	9.737	100,0
Posição na ocupação	Sudeste (menos SP)							
	3 a 5		5 a 10		10 ou mais			
	Número	%	Número	%	Número	%	Número	%
Conta-própria	377	22,7	529	58,4	1.017	73,0	-	-
Empregado permanente	-	-	-	-	-	-	-	-
Empregador	-	-	377	41,6	377	27,0	-	-
Temporário	1.282	77,3	-	-	-	-	-	-
Total	1.659	100,0	906	100,0	1.394	100,0	-	-
Posição na ocupação	Brasil							
	Até 1/2		1/2 a 1		1 a 2		2 a 3	
	Número	%	Número	%	Número	%	Número	%
Conta-própria	3.338	11,4	5.421	2,5	9.041	3,6	2.927	3,3
Empregado permanente	7.052	24,1	125.114	57,4	158.874	62,8	53.473	60,8
Empregador	-	-	-	-	529	0,2	529	0,6
Temporário	18.896	64,5	87.430	40,1	84.690	33,5	30.967	35,2
Total	29.286	100,0	217.965	100,0	253.134	100,0	87.896	100,0
Posição na ocupação	Brasil							
	3 a 5		5 a 10		10 ou mais			
	Número	%	Número	%	Número	%	Número	%
Conta-própria	1.491	3,9	3.203	19,2	2.022	19,2	-	-
Empregado permanente	24.391	63,2	9.914	59,5	4.341	41,2	-	-
Empregador	1.214	3,1	2.519	15,1	4.171	39,6	-	-
Temporário	11.524	29,8	1.020	6,1	-	-	-	-
Total	38.620	100,0	16.656	100,0	10.534	100,0	-	-

Fonte: Elaborada pelo autor, a partir de dados primários da PNAD.



De forma geral, para a atividade de olericultura, as categorias que apresentaram as maiores remunerações foram as de empregadores e conta-própria, isto é, pessoas ocupadas e pertencentes a estas categorias foram as únicas com remunerações superiores a 5 salários mínimos (o que não significa que todas as pessoas tiveram tal remuneração, principalmente na categoria conta-própria, cujos rendimentos variaram de meio até mais de 10 salários mínimos). Outro destaque é que no Estado de São Paulo, cerca de 25% dos empregados permanentes na olericultura tiveram remuneração entre 2 e 5 salários mínimos em 1995, situação muito mais favorável do que a observada nas outras regiões (Tabela 3).

### 3.8 - Horas Trabalhadas por Semana

Na cana-de-açúcar havia um predomínio absoluto das pessoas ocupadas que trabalharam 40 horas ou mais por semana: 97,2% no Estado de São Paulo, 87,4% no Sudeste (menos São Paulo) e 91,4% no Brasil. No entanto, cabe ressaltar o fato de que, nas três regiões, mais de 30% das pessoas ocupadas estavam com jornada acima de 50 horas semanais, caracterizando um sobretabalho nesta atividade.

Contrariamente a esta situação, pode-se perceber que na produção de verduras e legumes era muito significativa a participação das pessoas que trabalharam menos de 40 horas semanais. No Estado de São Paulo, 44,9% das pessoas ocupadas na olericultura em 1995 trabalharam até 39 horas semanais, sendo que 28,5% trabalharam até 15 horas. No Sudeste (menos São Paulo), estas participações foram de 66,8% e 46,3%; e no Brasil, 61,7% e 36,0%, respectivamente.

Este comportamento pode ser explicado pela grande presença dos trabalhadores para o próprio consumo e dos não remunerados nesta atividade, que corresponderam a mais de 90% das pessoas ocupadas até 15 horas nas três regiões analisadas, e a mais de 70% dos ocupados entre 16 e 39 horas semanais no Estado de São Paulo e no Brasil (no Sudeste - menos São Paulo, corresponderam a mais de 60%). A comparação das pessoas ocupadas na produção de verduras e legumes e na cana-de-açúcar, segundo as horas trabalhadas por semana e a posição na

ocupação, pode ser vista com detalhes nas tabelas 4 e 5.

## 4 - A "NOVA" OLERICULTURA EM SÃO PAULO

Feita a descrição geral das características do trabalho e das pessoas ocupadas nas duas atividades, será realizada, a seguir, uma análise sucinta dos dados da tabela 6, os quais contemplam a parte comercial e "nova" da olericultura no Estado de São Paulo. Para obtê-los, foram excluídos os trabalhadores para o próprio consumo, que se dedicam a uma atividade apenas de subsistência. Com isso, busca-se ressaltar as mudanças desta "nova" atividade em relação à olericultura em geral e, também, fazer uma comparação com a produção paulista de cana-de-açúcar, destacando-se a sensível melhora nos indicadores selecionados neste texto. Os dados sobre a cana-de-açúcar, presentes na tabela 6, são os mesmos da tabela 1 para o Estado de São Paulo e foram transportados apenas para facilitar a visualização das comparações feitas neste item.

A primeira observação é que, com a exclusão dos trabalhadores para o próprio consumo, aumenta o predomínio dos homens (73,3%) entre as pessoas ocupadas na olericultura. Quanto à idade, nota-se que 77,9% das pessoas ocupadas tinham idade entre 15 e 49 anos, sendo que a maior participação relativa foi das pessoas com idade entre 20 e 29 anos, situação bem melhor do que aquela que considerava a atividade como um todo. As maiores quedas em valores absolutos ocorreram para as pessoas com mais de 40 anos, sendo que as faixas de 50 a 59 e 60 anos e mais foram as mais atingidas (Tabela 6).

É possível perceber, também, que cresceu a participação relativa das pessoas com primeiro grau completo (44,3%), isto é, de pessoas com pelo menos oito anos de estudo, o que não deixa de ser um dado positivo, principalmente quando se sabe que a média dos trabalhadores brasileiros é de apenas quatro anos de estudo.

Mesmo com a exclusão dos trabalhadores para o próprio consumo, não houve mudança no número de trabalhos que as pessoas ocupadas tinham na semana de referência, pois









olericultura são atividades que empregam um contingente muito significativo de trabalhadores nas três regiões analisadas, embora muitas das pessoas ocupadas possuíssem uma inserção precária no trabalho em 1995, situação agravada pelo fato de terem só uma ocupação como forma de sobrevivência. Esta inserção precária ocorre na cana-de-açúcar porque não são observadas no Sudeste e no total do Brasil as mesmas condições de trabalho verificadas no Estado de São Paulo, que apresentou os melhores indicadores para os itens selecionados neste texto. Na olericultura, este comportamento é explicado, em boa medida, pela enorme gama de trabalhadores para o próprio consumo, cujas características são a reduzida jornada semanal de trabalho, a preponderância de trabalho feminino e de idosos, o baixo (ou ausente) rendimento monetário e a não contribuição previdenciária.

Analisadas em seu conjunto, a descrição geral das duas atividades mostrou que a cultura da cana-de-açúcar teve indicadores mais favoráveis no tocante às características do trabalho selecionadas. O predomínio de relações de trabalho mais formalizadas nesta atividade possibilitou melhores indicadores para a jornada semanal de trabalho, o rendimento, a existência de carteira assinada, a contribuição para a Previdência Social e a idade das pessoas ocupadas. Devido à forma de organização do processo produtivo nesta atividade e suas peculiaridades, torna-se praticamente impossível a sobrevivência de pessoas ocupadas para o próprio consumo, como ocorre na produção de verduras e legumes. Por outro lado, também é importante destacar que várias destas conquistas trabalhistas foram fruto da luta e organização dos trabalhadores canavieiros desde meados da década de 80, principalmente no Estado de São Paulo, como bem demonstrou GRAZIANO DA SILVA (1997).

No entanto, nas regiões onde a olericultura está organizada para fins claramente comerciais, com uso de técnicas modernas e com boa inserção no mercado, como no “cinturão verde” paulista, as características do trabalho tendem a ser bem melhores, tanto para os produtores quanto para os trabalhadores rurais. Excluindo-se os trabalhadores para o próprio consumo ocupados na produção de verduras e legumes no Estado de São Paulo, melhoraram significativamente os itens relacionados à idade das pessoas ocupadas, ao nível de escolaridade, à posição na ocupação e à jornada semanal de trabalho. Ainda permaneceram como maiores discrepâncias, em relação à cultura da cana-de-açúcar, a baixa formalização do trabalho (carteira assinada e contribuição para a Previdência) e, provavelmente, os menores níveis salariais. Vale ressaltar que, por explorar nichos de mercado, a atividade de olericultura exige o uso de alta tecnologia e grande capital para investimento, dificultando (ou mesmo impedindo) a entrada de muitos agentes para produzir de forma moderna.

Para finalizar, não se pretende, a partir destes dois casos, generalizar a idéia de que as “novas” atividades são mais problemáticas do que as tradicionais atividades agropecuárias, ou vice-versa. O que é importante reter, e que talvez seja a principal preocupação do texto, é que simplesmente por ser “nova” atividade, isso não implica, necessariamente, melhores condições de trabalho e rendimento, muito embora exista este grande potencial, como os dados mostraram, que deve ser desenvolvido através de maior organização setorial. E que é fundamental a realização de mais pesquisas comparando e mensurando o emprego nas “novas” atividades no meio rural brasileiro, que levem em consideração outros aspectos relacionados às condições de trabalho, além dos abordados neste texto.

## LITERATURA CITADA

- BALSADI, Otavio V. Demanda da força de trabalho na agricultura paulista no período 1990-97. **Informações Econômicas**, São Paulo, v.28, n.4, p.19-31, abr. 1998.
- BAPTISTELLA, Celma da S.L. et al. Perfil do colhedor de citros no estado de São Paulo. \_\_\_\_\_, São Paulo, v.26, n.5, p.11-17, maio 1996.

FUNDAÇÃO INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Manual de entrevista da pesquisa básica PNAD de 1995**. Rio de Janeiro, 1995. 287p.

\_\_\_\_\_. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (PNAD)**. Rio de Janeiro, 1996.

FUNDAÇÃO SISTEMA ESTADUAL DE ANÁLISE DE DADOS (SEADE). **Sensor Rural**. São Paulo, n.4, set./dez. 1997.

GRAZIANO DA SILVA, José. **De bóias-frias a empregados rurais (as greves dos canavieiros paulistas de Guariba e de Leme)**. Alagoas: EDUFAL, 1997.

\_\_\_\_\_. O novo rural brasileiro: versão preliminar. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE ECONOMIA E SOCIOLOGIA RURAL, 34., Aracaju, 5-8 ago. 1996. **Anais...** Brasília: SOBER, 1996. v.1, p.71-90.

\_\_\_\_\_; BALSADI, Otavio V.; DEL GROSSI, Mauro E. O emprego rural e a mercantilização do espaço agrário. **São Paulo em Perspectiva**, São Paulo, v.11, n.2, p.50-64, abr./jun. 1997.

\_\_\_\_\_. Meio rural paulista: muito além do agrícola e do agrário. **São Paulo em Perspectiva**, São Paulo, v.10, n.2, p.60-72, abr./jun. 1996.

OLIVEIRA, Roberto de. Agropecuária de SP rende R\$8,9 bi em 97. **O Estado de São Paulo**, 27 jan. 1998. Suplemento Agrícola, Caderno G, p.10.

**“NOVAS” E TRADICIONAIS ATIVIDADES AGRÍCOLAS:  
algumas características do trabalho na olericultura e na cana-de-açúcar**

**SINOPSE:** O texto apresenta algumas das principais características do trabalho na cultura da cana-de-açúcar e na produção de verduras e legumes, no Estado de São Paulo, Região Sudeste e no Brasil. As variáveis selecionadas para análise foram: sexo, idade, escolaridade, número de trabalhos na semana, posição na ocupação, carteira assinada, contribuição para a Previdência, remuneração e horas trabalhadas por semana. A fonte dos dados primários foi a Pesquisa Nacional por Amostras de Domicílio (PNAD), realizada pelo IBGE em 1995.

**Palavras-chave:** cana-de-açúcar, olericultura, características do trabalho, Estado de São Paulo, Brasil.

**NEW AND TRADITIONAL AGRICULTURAL ACTIVITIES:  
some labour features in olericulture and sugar farming**

**ABSTRACT:** This text presents some of the main labour features in sugar-cane and vegetables crops in São Paulo state, in the Southeast region and in Brazil. Variables selected for analysis include: gender, age, level of schooling, total jobs per week, occupation position, registered labour contract, contribution to the social welfare, income and total hours worked per week. The 1995 National Household Sample Survey was the primary source of data.

**Key-words:** sugar-cane, olericulture, labour features, São Paulo state, Brazil.

---

Recebido em 06/07/98. Liberado para publicação em 29/10/98.

*Informações Econômicas, SP, v.28, n.12, dez. 1998.*